

ASPECTOS SEMÂNTICO- PRAGMÁTICOS DA CONSTRUÇÃO PSEUDOPREDICATIVA DE FINGIMENTO

Kátia Roberta Rodrigues-Pinto¹

katiarodriguespinto@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

V Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2025

Resumo. Este trabalho toma como objeto de estudo as variantes microconstrucionais da rede da Construção Pseudopredicativa de Fingimento que compreendem usos do tipo ‘ele fingiu de morto’, ‘ela se faz de vítima’, ‘eu não dou uma de santinha’, ‘não quero pagar de gatinha’, ‘bancaram de espertos’, entre outros, e se concentra em investigar os aspectos semântico-pragmáticos das construções. Adota-se como aporte teórico-metodológico os pressupostos dos Modelos Baseados no Uso (Kemmer; Barlow, 2000), mais precisamente da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 1995; 2006; Croft; 2001; 2013) ao conceberem a construção - pareamento de forma e significado - como unidade básica de análise em interface com estudos sobre preservação da face (Goffman, 1980; Brown; Levinson, 1987). Diante disso, parte-se da hipótese que aspectos formais (morfo-sintáticos) e aspectos de significado (semântico-pragmáticos) em conformidade com fatores de ordem discursiva, tais como estratégias argumentativas (contexto de uso, preservação da face e indeterminação do sujeito), possam gerenciar os efeitos de sentido das variantes da Construção Pseudopredicativa de Fingimento. Para tanto, consideram-se como parâmetros de análise (i) a pessoa gramatical do discurso: o eu e o outro; (ii) continuum de intersubjetividade e (iii) polaridade semântico-pragmática: Psp- e Psp+.

Palavras-Chave. construção pseudopredicativa de fingimento, aspectos semântico-pragmáticos, estratégias argumentativas.

Abstract. This paper investigates the micro-constructional variants within the network of Pseudopredicative Pretense Construction, encompassing expressions such as ‘ele fingiu de morto’, ‘ela se faz de vítima’, ‘eu não dou uma de santinha’, ‘não quero pagar de gatinha’, ‘bancaram de espertos’, among others. The primary aim is to examine the semantic-pragmatic properties of these constructions. The study is grounded in the theoretical and methodological framework of Usage-Based Models (Kemmer; Barlow, 2000), with a specific

¹ Doutoranda em Letras, na área de Estudos Linguísticos, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS/CPTL com estágio supervisionado na Universiteit Gent-UGent/België pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE 2024.

focus on Usage-Based Construction Grammar (Goldberg, 1995; 2006; Croft; 2001; 2013), which treats constructions—form-meaning pairings—as the basic units of grammatical analysis. This framework is integrated with insights from the study of facework and politeness theory (Goffman, 1980; Brown; Levinson, 1987), in order to explore how social meaning is negotiated through language use. The central hypothesis is that both formal (morphosyntactic) and functional (semantic-pragmatic) properties, in conjunction with discourse-level factors (contextual framing and argumentative strategies), contribute to shaping the interpretive effects of Pseudopredicative Pretense Constructions. Accordingly, the analysis is guided by three main parameters: (i) grammatical person - self versus other; (ii) subjectivity and intersubjectivity; and (iii) semantic-pragmatic polarity, distinguishing between Psp^- and Psp^+ configurations.

Keywords. *pseudopredicative pretense construction, semantic-pragmatic aspects, argumentative strategies.*

1. Considerações Iniciais

O presente trabalho compreende um recorte da tese de doutoramento desta autora quanto à investigação da variação sincrônica entre as variantes microconstrucionais da rede da Construção Pseudopredicativa de Fingimento, doravante CPF, no português brasileiro. Tais variantes microconstrucionais são simbolicamente estruturadas, no plano da forma, por *slots* que consistem em *slot* V_{rel} com verbos relacionais (fingir, fazer, dar, pagar e bancar), *slot* (X/\emptyset) que corresponde a presença ou ausência de material interveniente (artigo indefinido feminino “uma” ou partícula apassivadora “-se”), preposição “de” e *slot* $Predt$ com referentes atributivos de natureza qualificativa (sintagmas nominais e sintagmas adjetivais) pareadas, no plano do significado, pela função atributiva. Desse modo, as variantes microconstrucionais são abstrações de um esquema mais geral e abstrato representadas simbolicamente por $[V_{rel}+(X/\emptyset)+de+Predt] \leftrightarrow [atributiva]$.

Aqui, especificamente, o foco recai sobre os aspectos semântico-pragmáticos das variantes microconstrucionais, ao privilegiar (i) a pessoa gramatical do discurso: o “eu” e o “outro”; (ii) *continuum* de intersubjetividade e (iii) polaridade semântico-pragmática: Psp^+ e Psp^- . Tais aspectos configuram parâmetros de análise que viabilizam a descrição das variantes com o propósito de aferir tanto as suas similaridades, uma vez que compartilham propriedades de forma e de significado interconectando-as em rede, quanto as suas distinções, possibilitando estruturas em competição e alternância na língua.

Parte-se da ideia de que os aspectos semântico-pragmáticos determinam os diferentes efeitos de sentidos das construções sob análise, evidenciando que o enunciador recorre a variante microconstrucional que melhor atenda seu propósito comunicativo,

inserindo-as em contextos mais polidos, com preservação de face positiva, ou ainda em contextos acusativos que potencializam danos à face.

2. Aporte Teórico-Metodológico

O presente trabalho está assentado nos princípios que subjazem os Modelos Baseados no Uso (Kemmer; Barlow, 2000), mais precisamente na Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001; 2013) em interface com conceitos sobre preservação da face (Goffman, 1980; Brown, Levinson, 1987) e indeterminação (Mendonça, 2016) compreendidas como estratégias argumentativas.

Os Modelos Baseados no Uso (Kemmer; Barlow, 2000) se apoiam em pressupostos que implicam uma visão construcional da língua sustentada por três pilares fundamentais: (i) língua como resultado da experiência e (ii) construção como unidade básica de análise; (iii) processos cognitivos de domínio gerais. A língua apresenta caráter intrinsecamente heterogêneo, resultante de fatores sociolinguísticos e discursivo-interacionais que refletem a experiência de mundo de seus usuários. Na perspectiva dos Modelos Baseados no Uso, doravante MBU, a linguagem é concebida como produto direto da interação do falante com o uso real, tendo como unidade básica de análise a construção, definida como o pareamento de forma e significado. A gramática, nesse quadro teórico, organiza-se em uma rede organizada e interligada de construções, conectando-as por meio de nós associativos (*links*) que formam padrões de uso dotados de sentido e moldados por processos cognitivos de domínio gerais, como categorização, analogia, associação transmodal, memória enriquecida e *chunking* (Bybee, 2016). Diferindo das abordagens formalistas, os MBU defendem que o conhecimento linguístico é adquirido e processado a partir da exposição reiterada a ocorrências concretas de fala, concebendo a gramática não como um sistema rígido de regras, mas como um repertório dinâmico de padrões fortalecidos pelo uso (Langacker, 1987; Goldberg, 2006; Bybee, 2016).

Aspectos discursivos corroboram e mapeiam a pluralidade semântica e pragmática da língua. No âmbito da pragmática, tanto Goffman (1980) quanto Brown e Levinson (1987) concebem a face como a imagem social que o indivíduo projeta e busca preservar nas interações. Para Goffman (1980), a preservação da face é um mecanismo voltado a evitar, minimizar ou reparar ameaças à face, entendida como a autoimagem pública construída na

interação, garantindo a manutenção da cooperação, da harmonia relacional e da adequação sociocultural no uso da língua. Brown e Levinson (1987) aprofundam essa noção ao distingui-la em face positiva (necessidade de aprovação) e face negativa (necessidade de autonomia), propondo estratégias de polidez para mitigar atos ameaçadores à face (*face-threatening acts*). Essas estratégias incluem: polidez positiva, que visa reforçar a proximidade e a valorização do interlocutor; polidez negativa, que busca respeitar a autonomia e minimizar imposições e estratégias indiretas (*off record*), que utilizam pistas implícitas para atenuar o impacto da mensagem. Ainda no rol das estratégias discursivas das quais os falantes recorrem para promover seus propósitos comunicativos, destaca-se a indeterminação do sujeito que “pode estar relacionada com a noção pragmática de polidez” (Mendonça, 2016, p. 11) em usos com 1ª pessoa plural sob forma pronominal “a gente” com o traço [-específico], de modo a expressar proximidade/distância da informação dada ou, ainda, em usos com 3ª pessoa em que pronome sujeito é omitido e podem gerar efeitos de impessoalidade e distanciamento.

A metodologia adotada vislumbra a abordagem mista, ou seja, qualitativa e quantitativa (Lacerda, 2016) e recorre à composição de um *corpus* de análise com acesso ao banco de dados *online* do Corpus do Português (Davies, 2006), seção *Web/Dialects* composto por 1 bilhão de palavras com conteúdo de páginas da *internet* de quatro países lusófonos (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique) composto por *blogs*, jornais e revistas digitais, garantindo a diversidade de usos em contextos formais e informais. Os dados que compõem o *corpus* deste estudo são restritos a *sites* de domínio brasileiro e foram selecionados por meio de fórmulas de busca e coleta à fim de garantir apenas a seleção de usos correspondentes ao objeto de análise desta pesquisa, resultando em 5.980 dados.

Os dados foram analisados e compilados de modo a separar o quantitativo de ocorrências (frequência *token*) e o percentual (frequência relativa) de cada variante microconstrucional, sendo elas: [fingir de+(Predt)], [dar de+(Predt)], [pagar de+(Predt)], [bancar de+(Predt)], [fingir-se de+(Predt)], [fazer-se de+(Predt)], [se fingir de+(Predt)], [se fazer de+(Predt)], [dar uma de+(Predt)], [pagar uma de+(Predt)] e [bancar uma de+(Predt)], distinguindo os usos em 1ª pessoa e 3ª pessoa, tanto no singular quanto no plural, conforme Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Frequência das variantes microconstrucionais da rede da CPF entre as pessoas gramaticais/do discurso

Variante microconstrucional	1ª pessoa %	3ª pessoa %	Frequência Token
[fingir de+(Predt)]	61 39,87%	92 60,13%	153 100%
[dar de+(Predt)]	08 15,09	45 84,91%	53 100%
[pagar de+(Predt)]	25 8,30%	276 91,70	301 100%
[bancar de+(Predt)]	01 4,76%	20 95,24%	21 100%
[fingir-se de+(Predt)]	-	128 100%	128 100%
[fazer-se de+(Predt)]	-	202 100%	202 100%
[se fingir de+(Predt)]	-	397 100%	397 100%
[se fazer de+(Predt)]	-	2.650 100%	2.650 100%
[dar uma de+(Predt)]	416 20,48%	1.615 79,52%	2.031 100%
[pagar uma de+(Predt)]	08 24,24%	25 75,76%	33 100%
[bancar uma de+(Predt)]	02 18,18%	09 81,82%	11 100%
Σ	521 8,7%	5.459 91,3%	5.980 100%

Fonte: Autoral

Observa-se que o maior percentual apresentado corresponde a usos em 3ª pessoa em todas as variantes microconstrucionais, refletindo 91,3% do total do *corpus*. Diante disso, fez-se necessário estabelecer três parâmetros de análise: (i) a pessoa gramatical do discurso: o “eu” e o “outro”; (ii) *continuum* de intersubjetividade e (iii) polaridade semântico-pragmática: Psp+ e Psp-, com o propósito metodológico de conduzir o estudo de modo a investigar quais implicações gerenciam os aspectos semântico-pragmáticos das variantes microconstrucionais da rede da CPF no português brasileiro na atual sincronia.

O primeiro parâmetro compreende em verificar a pessoa que articula o discurso. Usos em 1ª pessoa singular, geralmente estruturas declarativas, focam nas atitudes ou percepções do falante sobre si, enquanto que a 1ª pessoa plural desloca o foco para o outro e pode funcionar como recurso de indeterminação e, dependendo do contexto, gera efeitos pragmaticamente inferidos a partir da intenção do falante ou da relação entre os interlocutores. Esses efeitos se materializam por meio de estratégias discursivas que impactam em impessoalidade, manipulação de imagem ou distanciamento sem a

identificação explícita do alvo da referência.

O segundo parâmetro trata do conceito de intersubjetividade, observado em um *continuum*, proposto por Traugott (2010) e DeLancey (1981) no que compete ao fluxo de atenção. Contextos objetivos relatam eventos e entidades de modo genérico. A subjetividade refere-se à forma como o sujeito se insere no discurso; diz respeito à maneira como os falantes expressam crenças e avaliações pessoais, evidenciando a presença do eu perspectivados a partir do seu ponto de vista, enquanto que a intersubjetividade corresponde à negociação de sentidos entre os interlocutores, ou seja, a relação falante-ouvinte na interação. O *continuum* apresentado a seguir ilustra a gradação dessas funções pragmáticas.

Figura 1 - *Continuum* de intersubjetividade



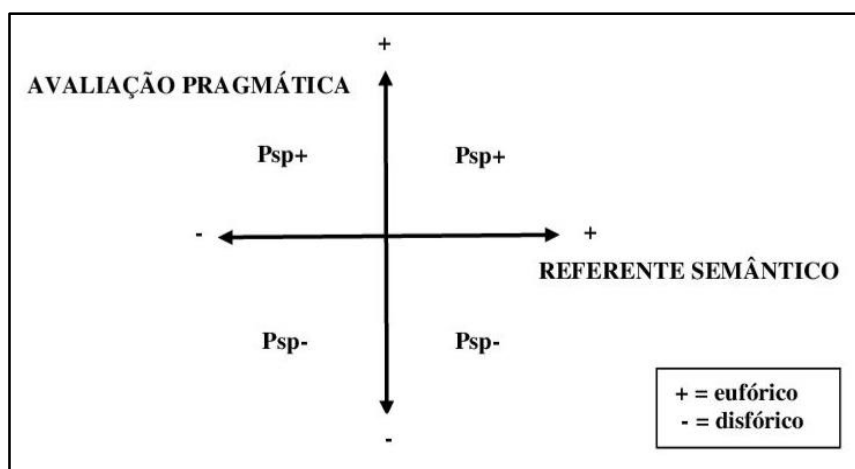
Fonte: Adaptado de Traugott (2010, p. 34)

DeLancey (1981) afirma que o fluxo de atenção opera de modo a organizar sintaticamente os eventos no discurso e estão relacionados ao ponto de vista do falante/enunciador. Alterações de ordem e tessitura são mecanismos que controlam o fluxo de atenção e, dessa forma, entende-se que conteúdos situados mais à esquerda no enunciado dirigem a atenção para elaboração do assunto, enquanto que conteúdos mais à direita focam o interlocutor.

Por sua vez, o terceiro parâmetro contempla a polaridade semântico-pragmática das variantes em Psp- e Psp+. A polaridade é concebida não apenas como oposição lógica entre afirmação e negação, mas como fenômeno que interage com a organização textual e a construção de sentidos. Rodrigues-Pinto (2023) defende que a noção de polaridade também é avaliativa, no sentido que elementos eufóricos e disfóricos podem atribuir, respectivamente, valores positivos e negativos a depender do contexto de uso. Nas variantes microconstrucionais da rede da CPF, esses elementos correspondem aos referentes semânticos, sob a forma de sintagmas nominais (SN) e sintagmas adjetivais (SAdj), que

preenchem o *slot* Predt e cumprem a função de atribuir propriedades conceituais ao sujeito com o qual se relaciona, além de possuir natureza semântica disfórica ou eufórica (Neves, 2011). O contexto assume um papel fundamental, pois é por meio dele que é previsto a avaliação pragmática do falante com marcas que expressam subjetividade/intersubjetividade a partir do ponto de vista do falante e manipulação do discurso. A Figura 2 apresenta uma representação da polaridade semântico-pragmática.

Figura 2 - Polaridade semântico-pragmática Psp+ e Psp-



Fonte: Autoral

O eixo REFERENTE SEMÂNTICO traz no polo negativo SN e SAdj de natureza semântica disfórica e no polo positivo SN e SAdj de natureza semântica eufórica. O eixo AVALIAÇÃO PRAGMÁTICA denota contextos que constroem o pano de fundo para a construção, resultando na polaridade semântico-pragmática eufórica (Psp+) ou a polaridade semântico-pragmática disfórica (Psp-), combinadas aos referentes que constituem o *slot* Predt. Cabe ressaltar que o ato de fingir é culturalmente concebido como negativo (disfórico) em nossa sociedade; logo, fingir um estado no sentido de “fingir que é”, “agir como se fosse” ou “passar-se por” geram uma avaliação negativa, ou seja, Psp-. Entretanto, contextos com avaliação positiva despolarizam o negativo e promovem Psp+.

3. Discussão e Análise

Nesta seção, apresentam-se os resultados do estudo empreendido, os quais servem

à análise preliminar a respeito dos aspectos semântico-pragmáticos das variantes microconstrucionais da rede da CPF. Os dados serão analisados de forma qualitativa direcionados pelos parâmetros estipulados, mas com suporte quantitativo garantido pelo *corpus*.

Conforme exibido pela Tabela 1, o *corpus* é composto por 5.980 dados e, desse montante, 521 ocorrências, correspondente a 8,7% do *corpus*, ocorrem em 1ª pessoa, enquanto que 5.459 ocorrências ocorrem em 3ª pessoa, equivalente a 91,3% do total dos dados. Os dados foram observados a partir de marcas gramaticais (pronomes e flexões verbais) com o intuito de compreender o ambiente morfossintático das construções com foco nas pessoas do discurso e suas estratégias argumentativas. Casos em que o estado fingido se refere ao(s) próprio(s) falante(s) são marcados pela presença de pronomes “eu” ou “nós/a gente”, conforme (01a) e (01b), ou apenas pela flexão verbal, haja vista que o português brasileiro é uma língua *pro-drop* que permite a omissão do pronome sujeito sem prejuízos gramaticais, conforme exemplos em (02a) e (02b).

- (01) a. Euzinha pagando de gatinha no Dujour. O Dujour é um aplicativo perfeito pra você que quer compartilhar seus looks do dia. (B BR ahoradevirarborboleta.blogspot.com)
- b. Gostamos de sair com nossos amigos e ter nossos assuntos, nada mais justo que nossos companheiros façam o mesmo. Claro que a gente desconfia... isso é normal de toda mulher, mas no fundo a gente sempre descobre quando eles aprontam, pois se denunciam... a gente que se faz de desentendida e descobre sem que eles percebam. (B BR dicadodia.com)

Em (01a), a 1ª pessoa é marcada pelo pronome “Euzinha” e evidencia claramente o estado fingido “pagando de gatinha” assumido pelo falante. Já em (01b), o falante recorre à forma pronominal “a gente” para buscar proximidade e convidar interlocutores que compartilham do seu estado fingido “se faz de desentendida”, utilizado como estratégia de polidez para preservar a própria face. O pronome sujeito pode ainda ser suprimido e marcado apenas pela flexão do verbo como estratégia discursiva para suavizar/amenizar o seu estado fingido, conforme os dados abaixo.

- (02) a. Aquecer uma tortija dessas prontas, coisa da qual não me orgulho muito, mas **finjo de besta** quando compro a integral e penso que estou fazendo uma escolha saudável. (G BR superduper.com.br)
- b. A Terra não vai ficar plana por mais fé que eu tenha na Bíblia. Então quando nos deparamos com os textos que afirmam ser a Terra plana, ou **damos uma de patetas** e acreditamos nisso contra todos os fatos ou reconhecemos que essa revelação está errada. (B BR religioeveneno.org.)

É possível perceber que as construções que marcam o pronome sujeito recorrem a referentes semânticos mais eufóricos, tais como, em (01), “Euzinha pagando de gatinha” e “a gente que se faz de desentendida”, além de construírem a narrativa com explicações que justificam e tornam o ato que expressa o estado fingido menos negativo. Já as construções que apresentam referentes semânticos mais disfóricos na atribuição do estado fingido, conforme (02), “finjo de besta” e “damos uma de patetas”, tendem a suprimir o pronome sujeito, podendo ser interpretado como uma estratégia para não expor tão abertamente o ‘eu’ enunciativo.

Também é possível observar que o ponto de vista manifesta no discurso a opinião do falante sobre si próprio, em (03a), ou em direção ao outro, em (03b), partindo da sua avaliação pessoal. Os dados também mostram que a CPF pode iniciar o enunciado, ou seja, a construção é concebida como informação nova e direciona o foco de atenção do interlocutor para o estado fingido, ou melhor, ao conteúdo mais saliente do enunciado ordenado à esquerda em posição inicial, apresentando alto grau de subjetividade.

- (03) a. Já estou preparando o espirito para aquilo vou ter que enfrenta daqui em diante! Sei que minha situação é complicada! Acho que tô querendo **dar uma de medico** e antecipando o resultado. hehe (B BR prazeralexandre.blogspot.com)

- b. Achei a novata MUITO sem sal. De verdade. Não é pela idade dela. Idade não significa maturidade às vezes. Mas ela **paga de madura** e dá pra ver que é forçado, dá pra ver que ela não é tudo isso. (B BR isabelafreitas.com.br)

Por sua vez, ao incidir sobre conteúdos presumivelmente compartilhados entre os interlocutores, o fluxo de atenção direcionado à CPF em posição final favorece a produção de enunciados intersubjetivos. Nesse sentido, o falante se vale de estratégias para manipular os efeitos de sentido que serão negociados com o interlocutor. A indeterminação pode funcionar como mecanismo de atenuação de crítica ao estado fingido expresso pela CPF sem especificar a quem se direciona, ocultando o ponto de vista do falante, em (04a), ou como mecanismo de proteção, diluindo a autoria de proposições potencialmente polêmicas ou sensíveis que incidem sobre a CPF, conforme (04b).

- (04) a. Tem gente que é hábil nessa forma de ser. Alisa para depois atacar, e quase sempre, às escondidas. Agride e em seguida pede desculpas. Esconde-se atrás dos elogios e sorrisos falsos, **faz-se de amigo**, mas na verdade vive arquitetando ciladas a todo instante. (B BR wscom.com.br)
- b. Uma cena dramática, perdendo o controle, fazendo ameaças, etc. Insistir para que as coisas se modifiquem "aqui e agora". Solicitar o divórcio imediatamente, fazendo exigências financeiras, de abandono de filhos, parentes e amigos ou de colegas de trabalho, como castigo, ficar berrando, enfim **se fazendo de coitado**. (G BR esperanca.com.br)

Informações compartilhadas entre falante e ouvinte potencializam contextos intersubjetivos, partindo do pressuposto que o falante ‘sabe que ele sabe’, conforme (05).

- (05) a. Também é tarefa do homem impor limites para o comportamento da madrasta, que não pode cometer o erro fatal de querer disputar a atenção dele com os filhos, dando ordens e tomando conta do espaço comum, nem **dar uma de mãe**. (G BR menshealth.abril.com.br)

- b. Quer ver mudança na educação, na saúde, no transporte e em todas as políticas públicas voltadas ao social. Agora, neste exato momento. A verdade é que o pobre não aguenta mais de tanta mentira e corrupção do estado brasileiro, que **finge de socialista**. (B BR blogdaencalhada.blogspot.com)

Fatores de ordem semântica e pragmática também incidem sobre às CPF. Referentes semânticos disfóricos combinados com contextos de avaliação pragmática eufórica podem apresentar Psp+, conforme (06), assim como o inverso, em que referentes semânticos eufóricos em contextos de avaliação pragmática disfórica podem demonstrar Psp-, tais como os dados apresentados em (07).

- (06) a. Isso parece-me mais uma brincadeira, de hoje em dia, maior parte dos jovens gostam de **se fazer de burros** para fazer rir os outros, existem bastantes exemplos na escola que frequento. Eles sabem, mas gostam de dizer barbaridades porque se sentem bem em fazer os outros rir. (G BR portaldascuriosidades.com)
- b. Alguns dos mentirosos são a Mulher-Gato, que diz que se tornou boa e botou todos os inimigos do Batman pra correr de Gotham, e o próprio Alfred, que, ao ver seu chefe deprimido e entediado, resolveu se fantasiar e **se fingir de bandido** para dar a ele o que fazer. Alguém diz: "Ah, normal, não parece ser mentira, parece, na verdade, condizente com a personalidade do Alfred". (B BR nerdbit.com.br)
- (07) a. [...] todas as pessoas que vem falar comigo dizem que sou educado e que tenho boa índole, conheço gente que já roubou a casa dos outros e era amigo da pessoa, gente que já roubou na rua, que fazem milhares de coisas erradas e ficam **pagando de santas**, tanto homem como mulher, mulher então eu nem vou comentar. (B BR opesquisadorcristao.com.br)

- b. Uma das artimanhas dos cafajestes é **se fazerem de bonzinhos** para hangariar o coração das moçoilas que sempre querem dar colo aos meninos desamparados.... (G BR borboletando.org)

A polarização semântico-pragmática também pode ser observada a partir de referentes semânticos e avaliação pragmática que se inserem no mesmo polo: eufórico, em (08) ou disfórico, em (09), tais como observados a seguir.

- (08) a. Ela observou a vitória do filho na Batalha do Bosque dos Murmúrios guardada por um grupo comandado por Hallis Mollen. Quando chegaram as notícias da execução de Eddard em Porto Real, Catelyn se viu imersa em sofrimento, mas **fingiu-se de forte** na frente do filho. (B BR wiki.gameofthrones.com)
- b. No começo daquele agosto (2011), saímos para jantar com dois amigos meus, que estavam de férias em Vegas, a Daiane e o irmão dela, Cristiano. A gente foi mostrar um pouco da cidade para eles e era estranho **dar uma de "anfitriã"** quando eu não passava de visitante/turista. (B BR naoqueromecasar.com)
- (09) a. Os resultados eleitorais da Europa "bem educada" mostraram que consciência política está mais relacionada ao capital, grana no bolso. Só que os neoliberais **deram uma de malandros** e limparam o pote. Deu no que deu. (B BR cartamaior.com.br)
- b. O petista estranha que muitos casos tenham sido decididos pelo mesmo juiz e que ele, Rubem, nem teve direito de defesa, como denunciou em entrevista a Leandro Fortes, de Carta Capital. **Dei uma de advogado do diabo** e perguntei a Mauro Rubem se ele estava seguro da relação entre Perillo e Carlinhos Cachoeira. (B BR diariodegoias.com.br)

A distinção entre Psp+ e Psp- possibilita compreender o valor afetivo atribuído dentro de um *continuum* avaliativo entre os elementos contextuais e morfossintáticos da construção, além de verificar, em comunhão aos parâmetros de análise anteriormente elencados, quais fatores/mecanismos discursivos e cognitivos promovem a natureza semântica e pragmática das CPF no português brasileiro.

4. Considerações Finais

A CPF tem preferência pela construção do discurso em 3ª pessoa (singular/plural), com 91,3% do *corpus*, evidenciando o “outro” como sujeito a quem se atribui o estado de fingimento. A semântica de fingimento associada ao ambiente morfossintático em 3ª pessoa favorece enunciados mais subjetivos e intersubjetivos que esboçam julgamentos e críticas, a partir do ponto de vista do enunciador, apontando o estado fingido do outro que podem ser direcionadas com a marcação da pessoa gramatical/do discurso (nome próprio, ele(a), eles(as)), por exemplo. Enunciados mais polidos recorrem à indeterminação do sujeito (supressão do nome/pronome) como estratégia discursiva, ou seja, o sujeito a quem se atribui o estado fingido é recuperado pelo contexto. Desse modo, enquanto as construções em 3ª pessoa são mais subjetivas e acusativas, as construções com a marcação em 1ª pessoa singular são declarativas, assumem o próprio estado de fingimento e tendem a justificá-lo; podem ainda recorrer ao uso da pessoa plural como convite e compartilhamento do estado fingido, causando proximidade com o interlocutor em contextos mais intersubjetivos como estratégia de polidez e preservação da face positiva. O fluxo de atenção e o ponto de vista do falante gerenciam o grau de (inter)subjetividade das CPF, pois, quando em posição inicial, como tópico discursivo (informação nova), potencializam contextos mais subjetivos. As CPF em posição final no enunciado são mais intersubjetivas, pois tendem a apresentar inicialmente um pano de fundo (uma cena) de modo a induzir/convencer o interlocutor sobre sua propositura.

Ainda que o fingimento seja convencionalizado pela nossa cultura como um estado humano negativo, as variantes microconstrucionais de fingimento apresentam aspectos semânticos tanto disfóricos quanto eufóricos, sendo o contexto responsável por orientar a polaridade semântico-pragmática da CPF. Dessa forma, os referentes atributivos e a

avaliação pragmática coordenam a polaridade das construções em Psp+ ou Psp-, estando alinhados ou não no mesmo polo, ou seja, referentes disfóricos em contextos com avaliação pragmática positiva podem resultar em Psp+, assim como o inverso em que referentes eufóricos e avaliação pragmática negativa resultam em Psp-.

4. Referências

- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: Some Universals in Language Usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J. **Linguagem, uso e cognição**. Tradução de Angélica Furtado da Cunha. 1. ed. Cortez Editora. São Paulo, 2016.
- CROFT, W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- _____. Radical Construction grammar. *In*: HOFFMANN, S.; TROUSDALE, G. (ed.) **The Oxford Handbook of Constructions Grammar**. New York: Oxford University Press, p. 211-232, 2013.
- DELANCEY, S. An interpretation of split ergativity and related patterns. **Language**, p. 626-657, 1981. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/414343>> Acesso em: 13 out. 2024.
- GOFFMANN, E. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. *In*: FIGUEIRA, S. **Psicanálise e ciências sociais**. Tradução: RUSSO, I. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 76-114, 1980.
- GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- DAVIES, M. **Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s, 2006**. Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org>> Acesso em: 08 mar. 2024.
- KEMMER, S.; BARLOW, M. **Usage Based Models of Language**. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, UFRJ. Volume Especial, p. 83-101, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440>> Acesso em: 19 maio 2020.
- LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. vol. 1, Theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- MENDONÇA, J. J. **Variação na expressão de 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Sergipe, São Cristovão/SE, 2016. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/jspui/handle/123456789/5694>> Acesso em 20 maio 2024.

- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- RODRIGUES-PINTO, K. R. Construções relacionais de fingimento e sua natureza semântico-pragmática disfórica/eufórica. **Revista Moara**, n. 65, p. 241-261, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/16058>> Acesso em: 05 jan. 2024
- TRAUGOTT, E. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. *In*: DAVIDSE, K; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Ed.) **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Series: Topics in English Linguistics, Berlin & New York: Mouton de Gruyter, p. 29-74, 2010.